

Antes de abordar o assunto que nos foi atribuído, - que é o parecer psicológico elaborado para colegas e médicos, desejamos comentar alguns pontos de vista mais gerais e esclarecer certos critérios para facilitar as discussões posteriores.

Nossa primeira preocupação é de definir o que entendemos por método usado em psicologia clínica. Aceitamos Lagache que o define como "a individualização sistemática e a mais completa possível dos casos particulares". Para obter esta individualização sistemática e completa, lançamos mão do "estudo do caso" e como resultado deste estudo, temos o "parecer psicológico".

O que será então um parecer psicológico?

Iniciando com as definições pela negativa, podemos dizer que, um parecer psicológico:

- não será o resultado em separado do teste ou dos testes a que foi submetido o indivíduo, pois desta forma, estaremos distinguindo um traço que assim se despersonaliza e simplesmente comparando este traço com normas gerais diante de estímulos diversos e independentes; traço com normas gerais diante de estímulos diversos e independentes;

- não será um relatório, isto é, uma enumeração de tudo o que foi feito com os resultados obtidos, mas um resumo dos fatos importantes citados na queixa e na anamnese;

- não será um diagnóstico, no sentido médico, isto é, o conhecimento ou determinação de uma doença pelos sintomas.

A nosso entender, um parecer psicológico (e é este nome que achamos que mais lhe convém), deve ser a opinião que o psicólogo clínico faz do indivíduo, usando seus conhecimentos específicos da psicologia normal e patológica, devendo levar em consideração os seguintes aspectos:

1- Os dados e a interpretação dinâmica da história passada do indivíduo e a inter-relação destes fatos com a queixa atual e os resultados dos testes.

2- A comparação dos resultados dos vários testes a

* - Palestra realizada em seminário de estudo sobre Parecer Psicológico, em 1965.

que o indivíduo foi submetido, onde êle por sua vez foi classificado em termos de probabilidade.

3- A própria capacidade intuitiva e sensibilidade do psicólogo na observação direta do comportamento do indivíduo.

4- Finalmente e muito importante, a análise e o julgamento do seu próprio inter-relacionamento com o indivíduo, no decorrer do contato mantido.

Usando êste tipo de abordagem o psicólogo clínico terá formado pois, uma opinião sôbre seu cliente que é ao mesmo tempo subjetiva e objetiva; subjetiva enquanto individualiza, e objetiva enquanto sistematiza comparando; que ao mesmo tempo, analisa e sintetiza: analisa nos resultados de um teste e na observação direta, e sintetiza na comparação de vários testes e na reflexão das interações; que ao mesmo tempo - enumera e compreende: enumera enquanto cita resultados particulares e compreende na medida em que não se situa fora ou acima do relacionamento humano criado.

De posse desta opinião, desta compreensão, desta síntese, deve o psicólogo clínico dar forma escrita ao parecer psicológico. Esta forma deve ser expositiva e redigida de forma a transmitir tôda a riqueza de dados, bem como a dinâmica dos processos em jôgo no indivíduo, que o psicólogo foi capaz de captar.

Como se vê, não é fácil a elaboração de um parecer psicológico, porém em nosso entender, é nestes moldes que deve ser empreendido.

Se assim não o fizermos, daremos razão a CATTELL, - que escreveu o seguinte, provavelmente num dia de crise doméstica: "A psicologia clínica é um campo de inigualável desafio intelectual, no entanto, recruta além de pessoas verdadeiramente competentes, uma série de indivíduos de status amador, que não percebem a verdadeira importância do assunto. Poderíamos até nos perguntar, nestes dias de escassês de encanadores se a psicologia não tem roubado à comunidade, uma série dêstes indivíduos, que poderiam ter aprendido competentemente a montar uma torneira".

Como decorrência prática do que acabamos de expôr - sôbre a maneira de trabalho do psicólogo clínico, três conclusões podem facilmente ser deduzidas:

- 1- O psicólogo tem obrigação de elaborar um parecer sôbre seu cliente.
- 2- O resultado do estudo do caso, feito com êste - critério pelo psicólogo, deve ser chamado de "Pa

recer Psicológico" e não relatório diagnóstico, resultado de testes, etc.

- 3- O psicólogo não deve aceitar pedidos de aplicação de testes especificados, mas sim pedidos de estudo psicológico ou estudo de personalidade, a fim de poder manter a autonomia necessária para a elaboração do seu parecer nos moldes acima descritos.

Passemos agora ao aspecto mais específico que nos foi determinado para esta reunião: O parecer psicológico elaborado para colegas e médicos.

Para facilitar a exposição, descrevemos resumidamente a organização formal que adotamos na Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade Católica:

- 1- Resumo dos pontos principais da queixa.
- 2- Enumeração detalhada das provas psicológicas aplicadas.
- 3- Descrição do Sujeito em aspectos característicos observados, tanto relativos à sua aparência, como a seu comportamento.
- 4- Resultados quantitativos referentes a seu nível mental e análise qualitativa dos dados oferecidos neste aspecto, tanto pelas provas de inteligência e personalidade, como também pelo seu modo de operar nas mesmas.
- 5- Se foi feito um estudo vocacional, o relato de suas diversas aptidões específicas, suas preferências e interesses conscientes e suas limitações, analisadas individualmente e em seu conjunto visando a orientação.
- 6- Descrição detalhada dos aspectos estruturais da personalidade do Sujeito, seguida de uma tentativa de explicação da problemática e mecanismos dinâmicos mais atuantes.
- 7- Síntese, ressaltando as principais características que individualizam o Sujeito nos seus aspectos positivos e negativos.
- 8- Orientação, quando indicada de acordo com o caso podendo variar desde uma detalhada orientação psicológica vital até um simples encaminhamento para determinada escola.

Como se vê, a organização da apresentação do parecer psicológico para colegas e médicos, não traz em si problema. Contanto que seja adotado o "conceito de parecer psicológico"

já discutido, a organização pode seguir a ordem que mais agrade a cada psicólogo.

Os problemas dos pareceres, parecem provir de outras fontes... É necessário especificar nesta altura, que tipos de especialistas requerem pareceres psicológicos. Na maioria das vezes, de acordo com nossa experiência, os pedidos provêm de médicos e psicólogos que se dedicam à psicoterapia, de médicos neurologistas, pediatras, além de outras especialidades. Também é de interesse mencionar os pareceres enviados a profissionais, que fazem trabalho de seguimento e de re-educação, - nos campos da pedagogia especializada, da ginástica corretiva da fonoaudiologia, da pedagogia terapêutica, da orientação educacional, etc.

De maneira geral, 4 aspectos devem ser atentamente cuidados na elaboração do parecer psicológico para outros especialistas:

- a terminologia usada
- o maior desenvolvimento da parte de interesse para o especialista a que se destina
- a fuga da morbidez
- o diálogo entre especialistas

O primeiro tópico, terminologia usada, já deu assunto para muita discussão. Os psicólogos são muitas vezes, e - com razão, acusados de usar uma linguagem isotérica, uma nomenclatura de "capelinha", um vocabulário de eleitos ou mesmo um encadeamento de neologismos sofisticados.

Devido à tenra idade da psicologia, devido à variedade de escolas que oferecem explicações e teorias de personalidade, devido às ambiguidades das nomenclaturas existentes - dentro de uma só escola psicológica e devido à falta de uma metodologia própria satisfatória, o psicólogo encontra muitas vezes dificuldades em se fazer entender por outros especialistas e até mesmo por colegas.

Basta dizer que em certo dicionário de termos psicológicos há relacionados como principais tipos de fobias, 208 nomes diferentes.

O aparente preciosismo de linguagem não é pois culpa somente do psicólogo, Nada impede porém, ao profissional - consciente destas dificuldades, que ao redigir o seu parecer para outros especialistas, cuide da sua terminologia de maneira a torná-la acessível preenchendo desta forma sua finalidade.

Nenhum especialista de outro ramo, tem obrigação de

saber o que é "reação báscula" ou "síndrome não espetral" de Pfister, nem "hipercatexia" ou "sensualidade epicurea" de Murray.

Transmitimos melhor quando dizemos que o indivíduo é "capaz de entrar em relação afetiva com outros indivíduos e de sentir intensamente o mundo que o cerca, sendo ao mesmo tempo dono de vivas fantasias e de controle emocional", do que quando escrevemos que ele é "ambiguo dilatado".

O segundo tópico refere-se ao maior desenvolvimento do parecer psicológico, naquela área que mais interessa ao especialista a que se destina.

Este ponto é bastante compreensível considerando-se que se deseja extrair o aproveitamento máximo do trabalho realizado pelo psicólogo no estudo do caso.

O parecer enviado ao professor especializado da criança excepcional deverá, além da parte geral, detalhar todos os elementos conseguidos através do estudo, bem como a orientação psicopedagógica necessária para que este possa organizar e encaminhar seu programa da maneira mais benéfica e eficiente para a criança.

O parecer enviado ao professor de ginástica corretiva não deve deixar de trazer em si os dados objetivos referentes às realizações da criança nas diversas áreas motoras, bem como os dados e orientação sobre os aspectos correlatos que se deseja modificar através do exercício como seja, linguagem esquema corporal, produção escolar, problemas de conduta, etc

E assim para cada especialista...

Este procedimento, além de trazer benefícios ao principal interessado que é o cliente, permite ao especialista uma apreciação mais objetiva dos progressos realizados pelo sujeito, através da comparação de sua produção no decorrer ou no fim do processo terapêutico, com os dados que constavam no parecer inicial.

O terceiro ponto de que falamos chama-se "o cuidado em fugir à morbidez psicológica". Referimo-nos aqui naturalmente à morbidez do psicólogo e não à do cliente.

Alguns psicólogos dizem ser isto vício de novato na profissão; acreditamos porém ser esta tendência encontrada tanto nos potros fogosos, como nos experimentados cavalos de batalha.

Chamamos "morbidez psicológica" à tendência que se vê em alguns pareceres, em definir somente os aspectos negativos do sujeito e por vezes com tal ênfase que chegamos a nos perguntar como conseguir esta ruína psicológica arrastar-se -

até uma clínica para ser estudada.

Pondo agora de lado a blague, a verdade é que, num estudo psicológico, devido à própria maneira de elaboração e validação dos testes projetivos, os traços patológicos adquirem uma posição de realce.

Cabe então ao bom senso do psicólogo, usar de seus conhecimentos e de sua experiência, colocando êstes aspectos dentro de um contexto equilibrado que retrate adequadamente o indivíduo. E mais é dizer que se os aspectos negativos servem para alertar o especialista encarregado da terapia, é pelos aspectos positivos que muitas vezes encontrará um caminho mais fácil e com menos resistências para iniciar o seu trabalho

Finalmente o último aspecto que desejamos comentar, é a necessidade de diálogo entre especialistas.

Devido à complexidade da elaboração de um parecer psicológico e devido principalmente às dificuldades de uma total comunicação por escrito de impressões mais ou menos sutis e por vezes dúvidas que ainda pairam, achamos de grande importância, sempre que possível, uma discussão direta entre o psicólogo clínico e o especialista ao qual foi destinado o parecer.

Êstes contatos, além de proporcionar uma melhor compreensão do caso, servem para esclarecer os outros especialistas sobre a maneira de trabalhar do psicólogo, sobre alguma terminologia mais incomum que não foi possível substituir, sobre a maneira pela qual podem ajudar ao psicólogo esclarecendo no encaminhamento a finalidade do estudo pedido, etc.

Por outro lado o diálogo beneficia ao psicólogo, trazendo-lhe um aperfeiçoamento pessoal pelo que pode ganhar em conhecimentos das necessidades do campo de trabalho dos outros especialistas, dá-lhe uma possibilidade de auto-crítica em relação às limitações de seu trabalho, e finalmente, permite-lhe conhecer a evolução do indivíduo que estudou, decorrente do tratamento a que está sendo submetido.

É nossa opinião que o psicólogo clínico que não trabalhe ou que não tenda para o trabalho em equipe só pode prejudicar-se no conhecimento do objeto de seu estudo, que é o homem como um todo.
